



Sugestões para

LITURGIA DOMINICAL

09 DE ABRIL DE 2017 | DOMINGO DA RAMOS – ANO A

A realeza messiânica de Jesus, na humildade e no despojamento da Cruz

Textos Bíblico-litúrgicos: Mt 21,1-11 // Is 50,4-7 // Sl 21 // Fl 2,6-11 // Mt 26,14-27,66.

Antífona: “Saudemos com hosanas o Filho de Davi! Bendito o que nos vem em nome do Senhor! Jesus, rei de Israel, hosana nas alturas!”

Antífona de entrada: “Seis dias antes da Páscoa, o Senhor foi recebido em Jerusalém pelos pequeninos com ramos e palmas. Eles o aclamavam: “Bendito és tu que vens com tanto amor! Hosana nas alturas!”

Oração do dia: Que possamos aprender os ensinamentos da paixão de Jesus e ressuscitar com ele em sua glória.

Oração sobre as oferendas: Ó Deus, que possamos, pela paixão de Cristo, reconciliar-nos convosco, alcançando o vosso perdão.

Prefácio: A Paixão do Senhor.

Antífona de comunhão: “Ó Pai, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, faça-se a tua vontade!”

Oração depois da comunhão: Saciados pela Eucaristia, que possamos alcançar a ressurreição que cremos e buscamos.

1. O Domingo de Ramos é o grande portal para adentrarmos na Semana Santa. Nestes dias celebramos a caminhada do Senhor Jesus até ao ponto culminante da sua existência terrena. Ele sobe a Jerusalém para dar pleno cumprimento às Escrituras. Ele desceu ao nosso encontro, partilhou da nossa humanidade, fez-se servo dos homens, doou a sua vida para que o egoísmo e a injustiça fossem vencidos. A Liturgia de Ramos nos oferece dois trechos do Evangelho de Jesus Cristo, segundo o Evangelista Mateus: um para a Bênção dos Ramos, no qual aclamamos Jesus, rei humilde, servidor do povo, glorificado pelo Pai e constituído Senhor do universo. O outro, para a Liturgia da Palavra, que nos apresenta a narrativa da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Duas situações demonstradas: o triunfo régio de Cristo e o anúncio de seu sofrimento, sua condenação e morte. A entrada triunfal de Jesus e seus discípulos em Jerusalém foi uma maneira forte de proclamar a chegada do Messias, o Rei há muito tempo esperado pelos pobres e tão indesejado pelos poderosos. Jesus é o Rei-Messias que vai confrontar-se com o centro da sociedade judaica, simbolizada por Jerusalém e pelo Templo, sede do poder religioso. A cavalgada não é dos poderosos, mas dos pobres despojados. Ele não entra na cidade montado em um cavalo vistoso e nem como um rei guerreiro. Jesus é aclamado pelo povo oprimido, sem voz e sem vez, e, para se identificar com eles, entra em Jerusalém montado em um jumentinho, animal insignificante, que era, naquela época, um instrumento de trabalho e de transporte dos

pobres. Jesus, homem de Deus e do povo, humilde e pacífico, movido pela força do amor de Deus, combate o sistema social, que se firmava na violência, na opressão e no apoio aos privilegiados e aos seus interesses, excluindo os mais pobres. O povo aclama Jesus como aquele que instala o Reino da verdadeira justiça e paz: “Bendito Aquele que vem em nome do Senhor”.

2. Não basta aclamar “bendito o que em vem nome do Senhor”, é preciso abrir espaço para que o Senhor Jesus seja testemunhado em nossa sociedade. Isso só é possível quando lutamos contra toda forma de opressão e exclusão, situações que ameaçam a vida, dom maior que de Deus recebemos, e nos tornamos portadores da paz, que é fruto da justiça. Jesus é Rei, mas um Rei coroado de espinhos e não de humana vanglória. Enquanto o povo o aclamava: “Bendito Aquele que vem em nome do Senhor”, seus adversários se sentiam ameaçados e articulavam a sua morte. A morte de Jesus é a consequência lógica do anúncio do Reino, por isso precisa ser entendida segundo o seu ministério e sua caminhada humana. Jesus, desde cedo, tinha a consciência de que o Pai o chamava para uma missão: trazer a esse mundo o Reino de justiça, de paz para todos os homens, fazendo o bem e curando todos os males. Jesus ensinou que Deus é amor e que não exclui ninguém, nem mesmo os pecadores; ensinou que os doentes, os desamparados, os pobres não deviam ser marginalizados, pois não eram amaldiçoados por Deus; ao contrário, esses sim eram os preferidos de Deus. E avisou aos “ricos” (os poderosos) que o egoísmo, o orgulho, a autossuficiência, o fechamento só conduzem à morte.

3. O projeto libertador de Jesus entrou em choque com o egoísmo e a opressão que dominavam o mundo. As autoridades políticas e religiosas se sentiram incomodadas com a denúncia de Jesus, pois não estavam dispostas a renunciar ao sistema que lhes asseguravam poder, influência, domínio, privilégios. Não estavam dispostas a arriscar, aceitando a conversão proposta por Jesus, por isso, prenderam Jesus, julgaram-no e o condenaram à morte de cruz. A paixão e morte de Jesus se tornaram o momento supremo de uma vida feita dom e serviço, a fim de libertar os homens de tudo o que gera escravidão e morte. Na cruz, revela-se o amor de Deus – esse amor que não se guarda em si mesmo, mas que se faz dom total. Assim, a cruz mantém o dinamismo de um mundo novo; o dinamismo do “Reino” de justiça e paz. Contemplando a paixão e morte de Jesus, fazemos memória daqueles que experimentam o sofrimento humano, vitimados pelo tráfico humano, e por toda forma de escravidão, injustiça e violência. No seu amor incondicional a nós, o Senhor, em Cristo, assume e faz seus todos esses sofrimentos. Jesus, a Palavra de Deus feita carne, entrega sua vida para trazer a salvação à humanidade.

4. As escolhas de Jesus nos levam a refletir sobre nossas escolhas. O triunfo fácil nos destrói e não nos leva a lugar nenhum, já o caminho da cruz nos leva à verdadeira vida junto de Deus. A nossa caminhada no seguimento de Jesus deve ter como condição primordial a disposição de participar de sua paixão e cruz. Na cruz, vemos aparecer o homem novo, que ama radicalmente e que faz da sua vida um dom para todos. Porque ama, esse homem novo vai assumir como missão a luta contra o pecado – isto é, contra todas as causas que ameaçam a vida e que geram medo, injustiça, sofrimento, exploração e morte. Assim, a cruz mantém o dinamismo de um mundo novo – o dinamismo do “Reino”. Façamos de nosso coração a Jerusalém na qual o Senhor quer entrar e ser bem acolhido e não maltratado. Hoje, não podemos esquecer, é também o dia

especial da fraternidade, dentro da Campanha da CNBB, porque é o dia da Coleta da Solidariedade. Não há como debater questões sociais, executar ações pastorais, sem nos voltarmos para Cristo e sua ação evangelizadora. Essa percepção é alicerce para ação missionária da Igreja no Brasil, presente em nossas comunidades, paróquias e dioceses. Para isso a Igreja se voltou para os ensinamentos de Jesus Cristo.

Sugestões litúrgicas

1. A celebração de ramos é prevista para ser iniciada em lugar diferente daquele onde se realizará a celebração. Reunido o povo, inicia-se a liturgia com a bênção dos ramos e se parte em procissão para a igreja onde acontecerá a celebração. Nesse caso, a procissão substitui o ato penitencial. A celebração continua, a partir da oração do dia. O canto previsto para a procissão traz as letras dos salmos 23 e 46, precedidos pela antífona: "Os filhos dos hebreus com ramos de oliveira correram ao encontro do Cristo que chegava; cantavam e aclamavam: Hosana nas alturas!"; ou, ainda, o Hino a Cristo Rei: "Glória, louvor, e honra a ti, ó Cristo Rei, redentor". Esse canto se encontra no CD "Cantos da Semana Santa" - Coral Palestrina de Curitiba.

2. A liturgia da palavra dá o tom da celebração da Paixão do Senhor neste domingo. As leituras estão empenhadas do sentido mais profundo da entrega de Jesus como "Servo Sofredor". É fundamental o empenho e esforço das equipes de liturgia e dos leitores (as) para comunicar esse mistério profundo. Para isso, treinar a leitura e alimentar-se dela, ao longo da semana, é imprescindível. O evangelho, dada sua extensão, poderá ser dialogado entre leitores e presidência. O espaço necessário junto à mesa da Palavra, e a organização do equipamento de som devem ser providenciados antecipadamente, para facilitar a proclamação. Evite-se qualquer tentativa de teatralização, como a caracterização de discípulos para a proclamação.

3. Um refrão meditativo no início da liturgia da Palavra ajudará a criar o clima para a proclamação. Indicamos: "Ele me amou" – do CD "Palavras Sagradas de Paulo Apóstolo". O canto da aclamação pode ser aquele já muito conhecido pelas comunidades: "Salve o Cristo obediente".

4. O prefácio da oração eucarística é previsto para essa celebração e traz o louvor a Deus pela paixão do Senhor, que, na morte-ressurreição, trouxe-nos uma vida nova.